# Artes Visuais

Óleo de Sagall, em retrospectiva

## Minha viagem à Grécia

★ A Galeria Luisa Strina está promovendo no Museu de Arte de São Paulo (av. Paulista, 1.578) o lançamento do livro de Wesley Duke Lee "Minha viagem à Grécia no helicóptero de Leonardo da Vinci". A exposição apresenta os 36 originais que aparecem no livro (2 mil exemplares) da Editora Práxis, com prefácio do prof. Pietro M. Bardi. Até o dia 30, no segundo andar do MASP.

★ Já está aberta a exposição "Segall: aquarelas, óleos, desenhos e gravuras", no Museu Lasar Segall que pode ser vista até o dia 4 de março do próximo ano. A sala de exposições do MLS permanecerá aberta, apesar das férias coletivas de seus funcionários, para que esta retrospectiva possa ser vista pela população flutuante em São Paulo, durante as férias escolares de fim de ano.

★ A Associação Paulista de Críticos de Arte comunica que reunirá no dia 9 de janeiro todos os sócios que votam na área de artes visuais, para a escolha dos melhores de 1978. Aquele que não puder comparecer pessoalmente, poderá enviar por escrito seus candidatos, lista que deve ser assinada, com firma reconhecida.

★ A Contemporânea Escola de Arte está promovendo a exposição de fim de ano de seus alunos (já é 12.ª). A mostra é composta de 150 trabalhos em todas as áreas das artes visuais e ficará abertas até fevereiro. O primeiro prêmio coube a Osvaldo Lago Leal e o segundo a Orlando Ribeiro Campos. Outros premiados: Conceição da Cruz Leite, Labibe Arazi, Marina Pereira da Silva. Menções honrosas: M. Conceição Wu, Moacir Rodrigues e Carlos Goes.

★ Manuel Martins, um dos bons artistas do já glorificado Grupo Santa Helena, dono de uma pintura dramática e por vezes violenta, esteve ausente do cenário artístico durante muitos e muitos anos, ao ponto de ser praticamente esquecido ou não conhecido pelas gerações mais novas. Martins voltou a expor e está mostrando seus trabalhos no recentemente inaugurado Centro de Artes Shopping News (rua Martins Fontes, 159), apresentado por Mário Schenberg. Esta é a segunda exposição individual do artista, em toda a sua vida, apesar de ter iniciado sua carreira ainda nos anos 30, ao lado de Volpi, Rebolo, Zanini e demais integrantes do Santa Helena. A atual mostra de Manuel Martins se compõe de óleos, guaches e gravuras, destacando-se as paisagens urbanas, que é o seu tema predileto. Até 31 de dezembro.

★ A Galeria Luisa Strina (rua Padre João Manuel, 974A) está encerrando com o álbum "Trama" o ciclo de trabalho de Antônio Dias, iniciado em Milão em 1968. São dez pranchas xilografadas, com desenhos geométricos, quase diagramas, em papel nepalês transparente. A mostra val até o dia 30 deste mês.

★ Com apresentação de Theon Spanudis, Fernando Odriozola está expondo na galeria Acheí (av. Brig. Faria Lima, 707).

★ Até 7 de janeiro pode ser vista na Pinacoteca do Estado (av. Tiradentes, 141), a exposição conjunta de Anna Bella Geiger e Artur Alípio Barrio, ambos do Rio de Janeiro. Anna Bella apresenta "Mapas Elementares" e Barrio mostra "Cadernolivros".

★ Está confirmada a 2.ª Trienal de Tapeçaria para o próximo mês de março. As inscrições já estão abertas e as fichas à disposição dos tapeceiros, na secretaria do Museu de Arte Moderna do Ibirapuera. Maiores informações pelos telefones 71-9817 e 544-2653.

## Cumprimentos

Recebemos, agradecemos e retribuímos cumprimentos de fim-de-ano de: Loja/galeria Akl, Regina Botelho de Abreu Sampaio, Fernando Heráclito Silva (Yázigi), Ideal-Standard, Galeria André, Galeria Grife, Iracema Arditi, Galeria Cosme Velho, Thomaz Ianelli, Galeria Skultura, Aloísio Rocha Leão, J. Henrique Fabre Rolim, Lúcia Maria Py, Odiléia e João Walter Toscano, Alfredo Volpi e família, Mazda Perez, Galeria Arte Aplicada, Stefania Brill, Contemporânea Escola de Arte, Annateresa Fabris, Cacilda Teixeira da Costa, Gerart Comunicação e Recursos Visuais, Metal Leve, May Nunes de Souza Rubião, Carlito Maia, Grifo-Centro de Estudos de Cinema Super 8, Vasco Prado, Cristina e Nazareth Mota Leite, Galeria Arte Global, Lothar Charoux, Oka Oficina de Comunicações e Arte, Associação Paulista de Críticos de Arte, Maria Lúcia Porto e Galeria Ars, Artis.

## Jorge Glusberg:

# Vou levar o Brasil à Austrália e Paris

Encerrou-se na última quarta-feira, no Museu da Imagem e do Som, o 1.º Encontro Internacional de Vídeo Arte, com a apresentação do tema Criatividade em vídeo-arte, dentro de uma emissora de televisão oficial, que mostrou trabalhos de câmara livre da equipe do canal 2, TV Cultura.

"O aspecto mais importante deste encontro — disse o artista José Roberto Aguilar — foi sem dúvida o público, supondo-se uma audiência de 5 mil pessoas, nos oito dias do Encontro. Um público jovem na sua maioria, que participou ativamente dos debates sobre esta linguagem. O auditório do MIS contou com cinco câmaras de televisão funcionando ininterruptamente, ligadas a sofisticado equipamento."

Dois trabalhos que motivaram mais a participação direta do público, foram as vídeos-performances que José Roberto Aguilar e Gabriel Borba realizaram. Aguilar chamou sua performance de "3 lutas de samurai contra os demônios que assolam a vídeo-arte nacional e o brasileiro em geral". Os demônios foram representados pelas televisões comerciais, contra as quais os samurais (o mito do herói) lutava até ser refletida a sua imagem, em lugar dos "enlatados". O trabalho de Gabriel Borba, "Pequeno mobiliário brasileiro", consistia inicialmente de um vídeo em que o artista está nu e veste roupas que nada mais são que o nosso mobiliário cotidiano. Bastões também são distribuídos ao público que os utilizou batendo e produzindo sons que, como as imagens (das duas performances) foram gravados em "tapes" e exibidos em seguida ao público.

Aguilar falou que acredita ter sido este Encontro Internacional "uma valiosa contribuição para a propagação da linguagem e ter suscitado indagações dentro da tão bem comportada arte plástica brasileira".

PARTICIPAÇÃO DO CAYC

Jorge Glusberg, diretor do CAYC de Buenos Aires, presente ao 1.º Encontro Internacional de Vídeo Arte de São Paulo, disse que se orgulhava da participação do CAYC (Centro de Arte y Comunicacion) na difusão mundial da vídeo-arte. "Esta tarefa se iniciou com o 1.º Encontro Internacional de Londres, realizado em 1973, no Instituto de Arte Contemporânea e continuou com a realização de dez outros encontros em Paris, Ferrara, Buenos Aires, Antuérpia, Caracas, Lima, Barcelona, México e o último em Tóquio. Poderia dizer — prossegue Glusberg — que a vídeo-arte, praticada por pouces operadores latino-americanos, serviu como ponta de lança para que se conhecesse as atividades artísticas latino-americanas em todos esses centros. O que é importante, porque eles ignoram o que se faz e o que se cria em nosso continente."

O rolo de fita (tape), pelas suas pequenas dimensões (10 cm de diâmetro) que pode conter duas horas de projeção de imagem e som, facilita sobremaneira — acha Glusberg — a sua remessa, sem estragos e custos altos, para outros países, divulgando nosso trabalho lá fora. "Mas o que me envergonha — fala — é o fato de que o único laboratório que g rava vídeo em cores, com acesso aos artistas é o de Buenos Aires, com os equipamentos dispomos.

"Esta situação — lamenta Jorge Glusberg — já vem de algum tempo. Aliás, gostaria aqui de lembrar um dos mais importintes artistas latino-americanos, Waldemar Cordeiro, infelizmente já falecido. Ele organizou a exposição arteônica em 1972. Tive o privilégio de, a seu convite, participar como teórico, deste movimento de artistas que trabalhavam com computadores."

Glusberg dizendo que estava feliz por ter sido convidado para inaugurar o Encontro de São Paulo, quando teve a oportunidade de ver trabalhos de vídeo realizado por brasileiros, anunciou em primeira não que está organizando um festival de vídio dentro da Bienal de Sidney, na Austrália, em abril próximo. "Tenho a idéia de fazer um festival brasileiro — disse — aproveitando os inúmeros artistas daqui, capazes de representar bem o Brasil na Austrália". Glusberg revelou ainda que está preparando um colóquio que se realizará entre os dias 15 e 20 de fevereiro próximo no Centro Pompidou, em Paris.

"Convidamos 15 críticos para discutir o tema "vídeo-arte" e 15 artistas que vão fazer performances conectadas com o vídeo.

"Os críticos convidados são Gillo Dorfles, Dany Bloch, Gregory Batcock, Frances Vicens, Florent Bex, Jacques Monnier, Tomaso Trini, Germano Colani, René Berger, Pierre van Thiegem, Abraham Moles e outros.

"Entre os artista cito Wolf Vostell, Yamaguchi, Dennis Oppenheim, Gina Pane, Les Levine, Jean Otth. Dos brasileiros foram convidados José Roberto Aguilar, que fará uma performance e Gretta, que estará em Paris fazendo também performance, com gatos.

Este Encontro de São Paulo, que Glusberg diz ter nascido em Tóquio, onde se encontrou com Aguilar "que me sugeriu realizar em colaboração um semelhante em São Paulo", teve, segundo o crítico argentino, defeitos que destacou, como colaboração construtiva, visando acertos em encontros futuros.

"Não se pode colocar informações falsas num catálogo, impresso num país sul-americano, no caso o Brasil. Nós não somos índios e, a mim, me dói muito a apreciação de europeus e norte-americanos, quando recebem informações deformadas, levianas, de publicações artísticas oriundas da América Latina. Há 10 anos venho lutando pelos artistas latino-americanos no exterior e me preocupa este catálogo que, por exemplo, não publicou um trabalho de Aguilar. Não entendo esta discriminação".

Glusberg insiste em certas comentarios, principalmente quanto a abertura dos tantos Encontros de que participou ou organizou, pondendo neles entrar qualquer artista de qualquer país. Neste Encontro de São Paulo a tendência foi de fechamento e não de abertura. Me refiro aos convites a estrangeiros e não a brasileiros. Penso que é um pouco pretensioso chamar de internacional um encontro como este, que contou apenas com a presença de dois estrangeiros, a argentina Margarita Paksa e o japonês Yamaguchi. Deveriamos ser mais modestos. Afinal foi uma lástima a ausência de gente que se anunciou que viria."

Jorge Glusberg

(Jorge Glusberg), numa atitude extremamente redutiva, somente falou loganmente sobre eles na noite de abertura e em seguida teve a rara iniciativa de não mostrá-lo. Eu, por mim, não compreendi bem, pois me parece que os vídeos devem ser de tudo vistos.

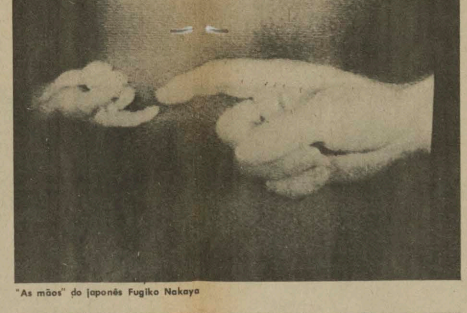
"Mas isso foi alguma coisa "fora" e durante os oito dias do encontro o que mais se sentiu foi o entusiasmo e interesse pela exposição das possibilidades e fascínios desse medium inescapável.

"Nos debates, discussões ou bate-papos que agitavam a área de exibição e corredores, foram enfocados e abertos todos os problemas centrais sobre a tentativa de uso e a natureza mais profunda dessa linguagem.

"Marcou impacto especial a presença de profissionais de TV que mostaram os trabalhos gravados com interesse de pesquisa, livres dos compromissos e restrições do fazer comercial.

"Enfim todos conhecemos as limitações de vídeo no Brasil, principalmente de ordem econômica, mas sabemos também como o poder da arte pode transformá-la até numa qualidade ou força especial. Os vôos cinéticos realmente ainda não são para os brasileiros, mas as idéias novas, a críticas, o humor e o otimismo são sempre possíveis dentro dos limites de um equipamento pobre".

"Event for stretched skin": Stelarc, Tóquio



"As mãos" do japonês Fugiko Nakaya

"O esporte é...", do brasileiro Geraldo Melo

## CAYC não mostrou seus "tapes"

"No campo das artes visuais, acredito que o acontecimento mais simpático deste fim de ano foi sem dúvida, o 1.º Encontro de Vídeo-Arte no Museu de Imagem e do Som".

Cacilda Teixeira da Costa, que em 1977 foi responsável pelo setor de vídeo do Museu de Arte Comtemporânea de São Paulo, atualmente residindo no Rio de Janeiro, mas continuando a colaborar com Walter Zanini em suas pesquisas sobre arte contemporânea no Brasil, prossegue:

"O espaço não era o mais adequado, vídeo é "maldito", os equipamentos são complicados, as dificuldades técnicas diabólicas: e tudo funcionou muito bem.

"A comissão de artes plásticas da Secretaria de Cultura providenciou os recursos e contratou as pessoas, muito especiais, que tornaram possíveis esta manifestação de TV alternativa. Só mesmo o espírito inquieto e a sensibilidade de Wesley Duke Lee, presidente da Comissão, para investir numa forma de expressão convencionalmente associada a idéia de aborrecimento e salas vazias".

Prossegue Cacilda: "No entanto, um público ultra-jovem surpreendentemente numeroso permaneceu horas siderado diante da telas fosforescentes. Me pareceram mais interessados que os próprios assim chamados "artistas do vídeo" que, em sua maioria, só compareceram para a exibição de seus trabalhos. Passei todos o dias no MIS e assisti a um programa que incluiu a apresentação de "tapes" de 26 artistas brasileiros, dois argentinos, sete canadenses e doze japoneses, além de duas vídeo-performances.

"Infelizmente Wolf Vollell não participou por motivos de saúde e do CAYC, os "tapes" não foram exibidos, pois seu representante

# Galerias versus gravadores

É difícil acreditar que três galerias se reunam para castigar 17, entre 41 gravadores que num certo momento resolveram vender diretamente, sem intermediários (nos dias 15,16 e 17 últimos), a um preço mais acessível (Cr$600,00), suas próprias gravuras, visando a levantar fundos destinados à formação de uma cooperativa.

Errado? Certo? Esse era um assunto para ser discutido em torno de uma mesa. Parecemos precipitado as três galerias publicarem em jornal de São Paulo (dia 15) um anúncio de "liquidação", ferindo nomes de maior respeitabilidade, como Lothar Charoux.

O mais estranhável é o Gabinete de Artes Gráficas embarcar nessa canoa. Ainda mais agora que ele acaba de ser citado, em recente reunião no IDART, como uma das três únicas exceções, dentre todas as galerias de São Paulo, como aberta, fugindo das convenções e da acomodação. Realmente, o GAG parecia ser uma casa além de simples galeria. Agora, o prestígio conseguido com um trabalho difícil e elogiável, pode ficar seriamente arranhado.

Só 17 dos 40 gravadores foram "punidos" pelas três galerias: Aldemir Martins, Cláudio Tozzi, Gerty Saruê, Ivald Granato, Maurício Nogueira Lima, Massuo Nakakubo, Ermelindo Nardin, Júlio Plaza, Romildo Paiva, Selma, Tuneu, Ubirajara Ribeiro, Ely Bueno, Tomoshige Kusuno, Lothar Charoux, Regina Vater e Antônio Lizarraga.

As três galerias estranhamente, salvaram da "liquidação" os demais gravadores do total de 41, como Regina Silveira, Carmela Gross, Luis Paulo Baravelli, Gabriel Borba, Marcelo Nitsche, Mauricio Friedman, Newton Mesquita, Odiléia Toscano, Alfredo Portillos, Waldir Sarubi e outros. Poderá se dizer que só os 17 tinham gravuras nos acervos das galerias. Mas não. Outros tinham também e sabemos que estão, apesar de não serem punidos, retirando seus trabalhos, em represália. E sabemos também que os gravadores estão pensando em processar as galerias por danos morais, pois publicamente disseram que os artistas não respeitam seus próprios trabalhos.

Leia ainda abaixo, artigo sobre o "affaire" galerias/gravadores, do jornalista Cláudio Willer, especialista em "marketing" e editor de Cultura do jornal "Singular e Plural".

LIQUIDAÇÃO FINAL DE GRAVURAS
METAL, LITO, SERIGRAFIA
Apenas $300,00
Muito abaixo do Custo!
Qualquer formato
Completando o catálogo da galeria brasileira e como a produzimos, neste calendário para o próximo ano, apresentamos a nova produção de profissionais que consagram a criação: aqui gravuras inéditas, obras-primas e a tiragem final de vários destaques, dos últimos anos.
Aldemir Martins, Maria Bonomi, Carlos Fajardo, Carlos Scliar, Carlos Tenuel, Carlos Vater, Carlos Zilio, Dudi Maia Rosa, Eduardo Sued, Fernando Odriozola, Gerty Saruê, Hermelindo Nardin, Ivald Granato, Jacques Douchez, Jorge Guinle Filho, Lothar Charoux, Lygia Pape, Mauricio Nogueira Lima, Mauricio Sanchez, Nelson Leirner, Nelson Nóbrega, Nicolas Vlavianos, Nivaldo Lopes, Rubem Ludolf, Rubem Valentim, Sérgio Ricardo, Tomoshige Kusuno, Ubirajara Ribeiro, Vera Chaves Barcellos, Wesley Duke Lee, Zélia Salgueiro.
BRIC À BRAC, R. Bela Cintra, 1986 — GRAPHUS, R. Bela Cintra, 1986
GABINETE DE ARTES GRÁFICAS, R. Haddock Lobo, 1595

Anúncio de "liquidação" de gravuras, punindo gravadores

# Regras unilaterais: galeria pode, gravador não.

CLAUDIO WILLER

Há uma consciência geral de que estamos vivendo tempos pré-apocalípticos, em um clima de loucura geral, típico das mutações e fins de época. O balanço de 1978 deixa um saldo de momentos de irracionalidade, frenesi e paroxismo, ao qual deve somar-se o recente episódio da briga entre uma cooperativa de artistas plásticos, "Papéis e Cia.", e três galerias de arte, Graphus, Gabinete, de Artes Gráficas e Bric a B'Arte. A referida cooperativa, constituída por 41 gravadores, decidiu expor seus produtos — litos, serigrafias e outros tipos de arte múltipla — no Paço das Artes, comercializando-os a Cr$ 600,00 o exemplar, anunciando ser este o preço de custo, "absolutamente sem intermediários".

As três galerias, por sua vez, deram o troco oferecendo gravuras dos mesmos autores por Cr$ 300,00 cada, ou seja, metade do preço de custo.

Estamos diante de um destes confrontos nos quais, entre mortos e feridos, machucaram-se todos. A conseqüência mais imediata das ofertas abaixo de custo, e derrubadas de cotações de ambas as partes, é que o usuário terminal, ou seja, o consumidor, relutará em adquirir gravuras de seja lá quem for, indexados e cooperativados ou não, ao preço-base originário de Cr$ 1.500,00. Tumultuam-se, portanto, as cotações do nosso incipiente mercado de arte, e prejudica-se o trabalho de muita gente alheia a esta briga — outros artistas, marchands e gráficas — que desenvolvia esforços no sentido de abrir mercado, promover e valorizar o produto.

A parcela maior de responsabilidade por tais conseqüências deve ser atribuída às três galerias. Pressupõem-se que um comerciante tenha uma visão de conjunto do seu mercado, mantendo uma certa isenção diante de brigas setoriais, nem que seja para preservar sua imagem. Afinal de contas, o estereótipo do marchand como apropriador do trabalho do artista é reforçado pelo episódio, fornecendo um suporte adicional de opinião pública a novas cooperativas independentes de artistas plásticos e iniciativas do gênero. Teria sido mais sensato as galerias adquirirem a maior quantidade possível das tiragens expostas no Paço das Artes, revendendo-as depois ao preço normal. Isto geraria um aumento na demanda, e inflacionaria as cotações, em lugar de baixá-las, o que é perfeitamente razoável, já que até mesmo os mil e quinhentos cruzeiros atuais são um preço barato, dando uma margem reduzida tanto para o artista como para os intermediários. Além disso, tudo indica que as regras do jogo são unilaterais: vendas promocionais com descontos fabulosos são permitidas, desde que a iniciativa parta do comericante — faz dois anos atrás, por exemplo, tivemos uma bela coletiva de gravuras na Arte Global, promovida pela Imago, na qual cada peça era vendida por irrisórios duzentos cruzeiros.

Nada disso isenta os expositores do Paço das Artes da sua parcela de responsabilidade. Cabe lembrar, inicialmente, que boa parte dos membros desta cooperativa tem outras fontes de renda, que não a venda das gravuras. Consequentemente, a venda deficitária ou sem margem de lucro os prejudica menos do que àqueles que realmente dependem deste tipo de trabalho para viver. Talvez isto explique porque, mesmo contando com a presença de gente do mais alto nível, esta mostra também tenha registrado algumas ausências importantes, de gravadores de primeira linha. Há, também, uma acusação gravíssima pairando no ar, de que as galerias estariam estocadas com obras de alguns destes mesmos artistas que partiram para a experiência cooperativa — se isto for verdade, está havendo, no mínimo, uma absoluta falta de coerência.

O fundamental, todavia, é que as manobras de retaliação e acusações mútuas sejam substituídas por algum tipo de postura mais adulta, que parta de uma reflexão séria sobre os reais problemas do mercado de arte no Brasil. Em primeira instância, a gravura é apenas um setor de nossa produção artística, é o menos crítico e problemático deles; a situação é muito mais grave no que diz respeito aos quadros a óleo, cujas cotações oscilam loucamente, com "cases" graves de manobras especulativas.

Isto para não falar na escultura, um mercado que inexiste, desestimulando a produção. Sindicatos, cooperativas, experiências de autogestão, devem, portanto, ser representativos de todas as formas e suportes de artes plásticas, como condição prévia para evitar distorções ainda maiores.

Além disso, é necessário que todos, produtores e comerciantes de arte, assumam uma postura mais crítica (e auto-crítica, inclusive), dando-se conta de quanto tudo isto é provinciano e menor. Por mais que tenha se ampliado, o nosso mercado de arte é ínfimo, com relação ao seu potencial verdadeiro. São Paulo tem muito mais gente com poder aquisitivo, e eventualmente bom gosto, do que os poucos milhares de nomes que constam das listagens das galerias, e das agendas dos artistas. Antes de administrar preços, e brigar por causa deles, deve-se mostrar o produto, tentar abrir novos espaços para a arte, rompendo com o falso e elitismo das manifestações tanto ao nível das galerias, como dos circuitos contraculturais e de vanguarda. Este é, sem dúvida, o saldo residual positivo do que aconteceu no Paço das Artes: na abertura da mostra havia, pelo menos algumas caras novas, além dos frequentadores habituais das "vernissages", e a agitação e polêmica subsequentes talvez tenham servido para conscientizar alguém de que existem coisas como gravuras, artes plásticas, etc, que podem eventualmente ser vistas, apreciadas, e, porque não, até mesmo compradas.

Editor: FERNANDO CERQUEIRA LEMOS